

A NOÇÃO DE APOIO ACADÊMICO EM ANÁLISE: REFLEXÕES A PARTIR DA INTERFACE ENTRE PSICOLOGIA ESCOLAR E ENSINO SUPERIOR

Cristiane da Silva
Moises Romanini
Patrícia da Rosa

RESUMO

Esse trabalho tem por objetivo a apresentação de um trabalho inspirado na Análise Institucional, tendo como analisador a noção de apoio acadêmico que caracteriza o setor Núcleo de Apoio Acadêmico (NAAC), da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Esta é uma das atividades obrigatórias dentro das disciplinas de Estágio Integrado em Psicologia e, portanto, encontra-se em desenvolvimento. O NAAC caracteriza-se como um serviço de acolhimento, orientação e atendimento às demandas provenientes dos cursos de graduação, pós-graduação, cursos técnicos e docentes da Universidade de Santa Cruz do Sul. Também propicia aos estudantes do curso de Psicologia um espaço de formação no que diz respeito à prática da Psicoterapia Breve, de orientação profissional e planejamento e execução de oficinas destinadas ao público alvo. Sendo assim, a análise ora proposta, tem por objetivo problematizar a noção de apoio acadêmico, investigando tanto na literatura quanto a partir das discussões sobre as experiências de estágio em supervisão quais elementos caracterizam essa demanda, permitindo, assim, o acompanhamento do aluno em psicoterapia breve no núcleo.

Palavras-chave: Análise Institucional. Apoio acadêmico. Universitários. Psicologia Escolar.

INTRODUÇÃO

A psicologia no contexto escolar implica em uma linha de estudo e trabalho profissional que encontra na relação do sujeito com a educação sua base de atuação e intervenção. Todavia, em uma compreensão mais profunda, Santana, Pereira e Rodrigues (2014) expõem que a psicologia escolar se volta às relações entre os processos psicológicos e os educacionais dos sujeitos.

É sabido que, através da psicologia, o campo educacional vem sendo olhado e escutado. Neste viés, a educação, enquanto instituição intrinsecamente social, é respeitada tanto pela sua trajetória quanto pelas suas características e valores. Atribui-se à mesma o dever do ensino das matérias do conhecimento, a transmissão de saberes, o cultivo das experiências humanas, os princípios que regem toda uma sociedade. Consequentemente, a educação se torna incumbida de atuar em prol do progresso e desenvolvimento social. (CASSINS *et al.*, 2007).

Historicamente, a inserção da psicologia na escola foi fortemente influenciada pelo modelo clínico. Daí a dualidade de saúde e doença, tendo a psicopatologia como conceito central, em contraponto às influências do ambiente, compreendido como fator secundário

dos problemas. Conforme Martins (1996) e Gonçalves e colaboradores (2016), a psicologia voltada para a escola nasceu em meados do século XIX, com um grande vínculo com a psicometria, consequência do legado de laboratórios de pesquisa. Assim, este campo da psicologia iniciou seus trabalhos com métodos de mensuração e segregação, a qual se limitava à aplicação de testes de inteligência, no intuito de medir a capacidade intelectual das crianças. Desenvolveu um conjunto de atividades nas quais sobressai a “avaliação da prontidão, organização de classes e diagnóstico e encaminhamentos de crianças com distúrbios de aprendizagem” (MARTINS, 1996, p.266).

Cabe ressaltar que, segundo Oliveira e Araújo (2009), a articulação da psicologia com a educação fez emergir o psicólogo escolar que, por muito tempo, foi um profissional que se caracterizou por classificar e ajustar os estudantes com dificuldades à escola. Todavia, com o avanço teórico e prático no campo da Psicologia e de uma visão crítica diante da atuação nas escolas, a relação entre a psicologia e a educação fez emergir uma nova configuração de atuação. A psicologia escolar passou a valorizar as relações e o contexto histórico no qual as dificuldades se instalam. Atualmente, com o olhar na prevenção e nas relações que se estabelecem, esse campo de conhecimento passou também a valorizar a participação do professor bem como o cuidado com sua saúde psíquica.

Considera-se que, atualmente, o grande propósito da psicologia na escola é de ser um suporte para o desenvolvimento global dos educandos e de toda a comunidade educativa. Santos, Bezerra e Tadeucci (2010) mencionam que a atuação do psicólogo dentro da escola busca sustentar uma visão preventiva, contemplando, desta forma, o atendimento aos estudantes, famílias e professores. Na perspectiva da Psicologia Escolar contemporânea, o psicólogo deve priorizar trabalhos relativos à prevenção, pois prevenir será mais viável do que simplesmente aguardar o problema se manifestar. (SANTOS; BEZERRA; TADEUCCI, 2010). A partir dessa visão e compreensão da relação de ensino e aprendizagem, pretende-se reafirmar o papel do psicólogo na escola e suas contribuições como profissional da educação.

Andaló (1984) menciona que os psicólogos têm feito um trabalho clínico dentro da escola, utilizando-se de testes variados, elaborando diagnósticos e orientações. A oferta de psicoterapia para os estudantes considerados como portadores de algum distúrbio ou psicopatologia também se faz presente neste contexto. A autora salienta que tais atitudes podem acarretar problemas vinculados à discriminação e estigmatização dos estudantes. Ressalta também que o sigilo pode ser violado até mesmo pelos próprios estudantes, uma vez que a escola apresenta pouca privacidade.

Desse modo, compreende-se que o psicólogo escolar não deve se ater ao trabalho no eixo de saúde-doença. A criação de espaços onde as vivências escolares possam ser ditas e escutadas são intervenções que podem abarcar uma perspectiva social, institucional, individual ou grupal. (MARTINS, 2003). Martins (2003) menciona a escuta como ferramenta que pode ser empregada, possibilitando ao psicólogo criar situações coletivas, espaços de construção de conhecimentos sobre si mesmo, sobre a escola, de tal modo que os problemas sejam amplamente discutidos e a busca de soluções para os mesmos compartilhada. Complementa ainda que a escuta clínica na escola tem o intuito de expor as situações e as relações que a apoiam.

Como aponta Sant'Ana (2009) as intervenções em psicologia escolar também apresentam um caráter terapêutico, pois visa contribuir para o desenvolvimento sócio emocional do educando. Cassins e colaboradores (2007) trazem que é possível pensar em uma abordagem sistêmica no contexto escolar, através das relações e interações entre professor e estudante, estudante-estudante, funcionário-estudante, pai-filho, pais-professores, professores-funcionários, comunidade-escola.

Importante reforçar que o psicólogo precisa conhecer o Projeto Político Pedagógico da instituição escolar e participar de sua atualização. É preciso trabalhar junto daqueles que constituem a escola, a fim de construir novos significados às situações cotidianas. Faz-se necessário circular pelos corredores e estar atento aos movimentos dos agentes. Ouvir os estudantes e o que pensam sobre sua escola, sua turma. (ANDRADA, 2005).

É no contexto de debate, experiências e produção de conhecimentos do campo da Psicologia Escolar que esse trabalho se insere. Imersos no Estágio Integrado em Psicologia que vem sendo desenvolvido pelas duas primeiras autoras desse manuscrito e orientado pelo terceiro autor, vimo-nos no desafio de discutir e aprofundar o conceito de apoio acadêmico. O referido estágio vem sendo desenvolvido no Núcleo de Apoio Acadêmico (NAAC) da Universidade de Santa Cruz do Sul e tem, como uma de suas atividades obrigatórias, o desenvolvimento de um trabalho teórico proveniente de uma Análise Institucional e/ou Análise Comunitária.

Diante das experiências de estágio, especialmente dos atendimentos aos estudantes em Psicoterapia Breve, nosso grupo de estágio encontrou algumas dificuldades para definir o que exatamente significa apoio acadêmico nesse contexto psicoterápico, uma vez que estudantes que não apresentam “questões acadêmicas”, acabam sendo encaminhados para outros serviços da rede. Nesse sentido, inspirados nos pressupostos da Análise Institucional, pretendemos problematizar a noção de apoio acadêmico, buscando na literatura e nas discussões dos casos atendidos um maior aprofundamento do que essa noção significa e aprimorando a prática da psicoterapia breve nesse contexto de trabalho

dos psicólogos. Tomamos, portanto, a psicologia no Ensino Superior como um campo de análise, o NAAC e a psicoterapia breve como um campo de intervenção e a noção de apoio acadêmico ou “questões acadêmicas” como um analisador, até então tomado como óbvio e naturalizado, mas que emergiu como algo que precisa ser repensado junto ao serviço.

O Núcleo de Apoio Acadêmico foi criado em 2003 vinculado à Coordenação Pedagógica da Pró Reitoria de Graduação (PROGRAD). Iniciou suas atividades com o objetivo de atender aos estudantes com algum tipo de deficiência que necessitavam de recursos para o acesso ao ensino superior. Ao longo do tempo, o NAAC aprimorou seus serviços para atender acadêmicos com dificuldades no processo de ensino-aprendizagem, englobando suas demandas biopsicossociais, o que foi caracterizando o local como um espaço de orientação e acolhimento frente às necessidades dos estudantes da graduação, pós-graduação e cursos técnicos. (NÚCLEO DE APOIO ACADÊMICO, 2016).

São atendidos no núcleo os estudantes da graduação, pós-graduação e cursos técnicos que apresentam dificuldades no âmbito acadêmico. O atendimento destes alunos pode se dar de forma individual ou em grupo. O NAAC também realiza o assessoramento aos docentes e às coordenações dos cursos quando o acadêmico necessita de adaptações na metodologia de ensino, ou quando é evidenciada a necessidade do trabalho conjunto entre o serviço e o professor.

Também são atribuídas ao Núcleo as seguintes competências (RELATÓRIO ANUAL DO NAAC, 2016, p.2):

- a) Desencadear um processo de investigação das diferentes variáveis que incidem sobre a situação de ensino e aprendizagem, visando identificar as necessidades específicas de determinado estudante, que apresente dificuldades em seu desenvolvimento pessoal ou, desajustes em relação ao currículo de sua formação, com diferentes causas, procurando fundamentar as decisões a respeito de propostas e tipos de apoios necessários;
- b) Propor apoios necessários ao desenvolvimento e progresso acadêmico dos estudantes, qualificando o processo de ensino-aprendizagem;
- c) Orientar à introdução de modificações e serviços de apoio para o atendimento às necessidades educacionais especiais - NEE;
- d) Orientar escolhas profissionais dos estudantes.

O serviço conta com uma equipe multiprofissional constituída por duas psicólogas, um psiquiatra, uma psicopedagoga, duas intérpretes de Libras, três auxiliares administrativos, duas estagiárias de psicologia e um jovem aprendiz. Os estudantes podem acessar os serviços do NAAC através de encaminhamentos pelas coordenações de curso, professores ou por procura espontânea. Inicialmente, o aluno é encaminhado para acolhimento, que pode acontecer entre quatro e seis encontros. Caso necessário, é

realizado o encaminhamento para profissionais do núcleo ou para serviços de saúde da rede municipal. (PEREIRA, 2016).

Segundo o Núcleo de Apoio Acadêmico (2016), o trabalho da equipe está diretamente ligado às questões de permanência e acesso dos estudantes, possibilitando suas vivências no meio acadêmico. Por meio dos acompanhamentos é possível investigar fatores que influem sobre a situação de ensino e aprendizagem, possibilitando a identificação das necessidades específicas de determinado estudante, para poder orientar e dar o apoio necessário a tais questões. O NAAC, através de suas atividades, também orienta e assessora docentes, coordenadores de curso, diferentes setores da universidade e a comunidade, prestando serviços em momentos específicos. (NÚCLEO DE APOIO ACADÊMICO, 2016, p. 3).

O NAAC permite aos estagiários de psicologia a prática da psicoterapia breve individual com os acadêmicos da Universidade. Para dispor da mesma, o principal aspecto a ser considerado na demanda do aluno são questões acadêmicas que estejam causando algum tipo de sofrimento em seu cotidiano, trazendo assim prejuízos em relação ao desempenho e ao processo de ensino aprendizagem.

Para Oliveira (1999), a psicoterapia breve tem se constituído nos últimos tempos como uma das principais opções de atendimento psicoterápico. O uso deste modelo de atendimento vem se ampliando, em função da demanda dos sujeitos que buscam, muitas vezes, ajuda para problemas específicos, e que não possuem condições ou motivação para se implicar em um processo psicoterápico prolongado.

A psicoterapia breve é uma intervenção terapêutica com tempo e objetivos limitados. A partir de uma compreensão diagnóstica do paciente, os objetivos são estabelecidos com a delimitação de um foco, considerando a possibilidade de que estes objetivos sejam atingidos num espaço limitado. Através de determinadas estratégias clínicas, a psicoterapia breve está alicerçada nos seguintes componentes: foco, estratégias e objetivos. (OLIVEIRA, 1999).

Para investigar os aspectos acadêmicos é realizado inicialmente o processo de acolhimento. Este ocorre entre quatro e seis encontros, e caso necessário, pode ser prolongado. A partir destas escutas, é possível verificar as necessidades do sujeito, sendo realizado posteriormente os encaminhamentos necessários. Seu enfoque está atrelado ao reconhecimento do sofrimento e dos prejuízos acadêmicos que constituem tal demanda.

Quando é evidenciado no estudante prejuízo acadêmico, é proposto o trabalho em psicoterapia breve, bem como o acompanhamento de outros profissionais caso seja averiguada a necessidade. A partir disso, são utilizadas técnicas clínicas que contemplem o

foco deste processo. Todo material utilizado neste contexto é pensado em supervisão conforme os objetivos do processo psicoterápico.

Ao longo do percurso de estágio nos deparamos com o atendimento de vários estudantes que trazem inúmeras demandas. Neste sentido, encontramos, em alguns momentos, a dificuldade em caracterizar o que é uma demanda acadêmica, emergindo assim questionamentos frente aos fatores que garantem o apoio ao acadêmico. Esta discussão vem sendo pensada nas supervisões e orientações do estágio, provocando o desejo em aprofundar tal temática.

Conforme as reflexões destacadas acima, esta análise tem por objetivo problematizar a noção de apoio acadêmico, investigando na literatura quais elementos caracterizam essa demanda, permitindo, assim, o acompanhamento do estudante em psicoterapia breve no núcleo.

METODOLOGIA

Baseada nos princípios gerais da Psicologia Social, Sociologia e Pedagogia, a Análise Institucional propõe uma estratégia de intervenção que mobilize todos os níveis institucionais e que provoque rupturas na burocracia das relações instituídas. Enquanto método de intervenção permite compreender a experiência cotidiana como aprisionada a um sistema instituído, convidando o grupo para falar e atuar no intuito de desvendar as instituições que são determinantes no discurso e na ação grupal. (GUIRADO, 1986).

As instituições, nesse sentido, podem ser caracterizadas enquanto sistemas de normas, que não atuam a partir do exterior para regular a conduta dos indivíduos: elas atravessam todos os níveis dos conjuntos humanos, fazendo parte da estrutura simbólica do grupo e do próprio indivíduo. (SILVEIRA; REZENDE; MOURA, 2010). Deste modo, considerando que uma instituição é um conjunto de relações que se repetem e, ao se repetirem, legitimam-se, e que a legitimação se dá pelo efeito de reconhecimento de que essas relações “sempre foram assim” (GUIRADO, 2009), a naturalização da noção de apoio acadêmico e/ou das “queixas acadêmicas” acabou sendo percebida no contexto do estágio, especificamente nos atendimentos de psicoterapia breve. A experiência de estágio coloca em análise essa noção tomada como óbvia, natural, instituída.

Por sua vez, o campo de análise é um recorte eleito pelo interventor, o qual buscará compreender através do aparelho conceitual do institucionalismo, sem necessariamente realizar uma intervenção. Assim, irá procurar saber como funciona, a relação entre seus determinantes, suas causas e os efeitos que produz. (BAREMBLIT, 1996). Com isso, entendendo o campo de análise como o espaço conceitual do qual o institucionalista quer se

ocupar (BAREMBLIT, 1996), pretendemos elucidar e discutir sobre a psicologia escolar no Ensino Superior.

O campo de intervenção é o local propriamente dito onde a análise institucional se dará, nesse caso, o NAAC e a própria psicoterapia breve desenvolvida pelas estagiárias nesse campo. Pressupõe as atividades desenvolvidas no campo de análise, mas envolve estratégias, logística, tática, técnica para se operar sobre ele e efetivamente transformá-lo. De maneira geral, o campo de intervenção precisa ser restrito, diferentemente do campo de análise, que pode ser mais amplo. (BAREMBLIT, 1996).

Os analisadores, por sua vez, consistem em indícios apresentados pela organização e que poderão auxiliar na explicação de seu objeto de análise. Têm caráter similar ao de 'sintoma', ou seja, dão pistas sobre a forma como as diversas dimensões envolvidas na dinâmica institucional se articulam. Podem ser encontrados em qualquer lugar da instituição, sendo dotados de sentidos que permitem com que compreendamos o modo como os agentes dessa instituição percebem as relações que se dão dentro dela. Além disso, os analisadores podem ser espontâneos ou construídos, isto é, podem ocorrer ao acaso, involuntariamente, ou podem ser produzidos pelo analista institucional, com o objetivo de explicitar conflitos ou problemas organizacionais. (BAREMBLITT, 1996). No caso dessa análise, a necessidade de problematizar a noção de apoio acadêmico ocorreu de forma espontânea, no contexto dos atendimentos realizados no estágio.

Para contemplar o objetivo deste trabalho, será realizado um estudo não sistemático das literaturas que trazem conceitos ou ideias sobre a noção de apoio acadêmico, contemplando artigos publicados em periódicos, livros e documentos do Ministério da Educação. O propósito inicial é a construção de um mapa da literatura, com as principais definições acerca da noção de apoio acadêmico ou questões/queixas acadêmicas. Esse aporte teórico será constantemente articulado com as práticas de estágio, principalmente aquelas vinculadas aos atendimentos de psicoterapia breve.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para nos aproximarmos da discussão sobre o apoio acadêmico, tomamos como campo de análise a articulação entre a Psicologia Escolar e o Ensino Superior. Conforme apontam Moura e Facci (2016), o ensino superior é um campo de atuação do psicólogo que vem ganhando notoriedade. Neste viés, Gonçalves e colaboradores (2016) apresentam que este profissional encontra no contexto das Instituições de Ensino Superior (IES) um espaço em que se dá o desenvolvimento do sujeito, seu crescimento intelectual, além de se constituir como um ambiente de inter-relações.

É sabido que diante da globalização e do desenvolvimento social dos últimos anos, ocorre uma maior facilidade em ingressar no meio acadêmico, algo que, até algum tempo atrás, era inviável para grande parte da população brasileira. Dessa maneira, Sampaio (2010) elucida que as universidades, que eram destinadas à formação acadêmica das elites, passaram a ser questionadas pelos movimentos sociais. Então, segundo a autora, é somente no século 21 que estas instituições disponibilizaram reservas de vagas para os sujeitos que frequentavam escolas públicas, para os negros, afrodescendentes, indígenas, quilombolas, sujeitos que normalmente residem nas periferias. À vista disso, a oferta de vagas geradas pelos programas como PROUNI, FIES, REUNI, são de grande importância para impulsionar o acesso à educação superior. (GONÇALVES *et al.*, 2016).

Acontece que há a necessidade de realizar todo um trabalho de acompanhamento e prevenção à evasão com estes novos estudantes que chegam à universidade, sendo que se constituem como um público emergente nestes espaços. Neste contexto, Serpa e Santos (2001) expõem que estudos referentes aos universitários têm apresentado evidências de evasão e reprovação, fenômenos que requerem uma atenção especial de psicólogos e profissionais da área. As autoras ressaltam que no ambiente universitário há uma busca por orientação e acompanhamento psicológico que devem ser atendidas. Reforçam ainda que em determinados conteúdos de cursos, como a medicina e a psicologia, ocorre uma mobilização interna que acometem os estudantes, desse modo, faz-se necessária a elaboração de serviços e programas que visem o atendimento a essa demanda. Neste enfoque, Santana, Pereira e Rodrigues (2014) explanam que as contribuições do psicólogo escolar nas situações supracitadas, podem se dar na demanda de inserção e permanência do estudante neste espaço, o que, conseqüentemente requer um olhar para aspectos do currículo, a ação do professor e as possibilidades de acolhimento e orientação ao acadêmico.

Segundo Santos e colaboradores (2015), o trabalho no ensino superior se pauta também nas práticas com docentes e funcionários, como contribuir na adaptação de novos colaboradores no que se refere a questões do trabalho, além de “assessorar a definição e a formulação dos perfis docentes e técnicos, e apoiar o desenvolvimento de competências discentes”. (SANTOS *et al.*, 2015, p.521). A fim de reforçar o compromisso que o psicólogo escolar assume em sua atuação no ensino superior, retomo as ideias de Gonçalves e colaboradores (2016), que afirmam que a psicologia escolar busca a melhoria do ensino bem como de sua qualidade. Conseqüentemente, o psicólogo objetiva trabalhar em prol da evolução do estudante, no fortalecimento de sua autonomia e no preparo para o mercado de trabalho.

Em estudo realizado por Bisinoto e Marinho-Araújo (2015), no mapeamento de Serviços de Psicologia das Instituições de Educação Superior e o trabalho dos psicólogos escolares nesses serviços, os autores constataram que a maioria dos psicólogos fazem parte de uma equipe multidisciplinar, onde suas principais ações estão voltadas aos estudantes. Trazem que, além do trabalho de orientação e encaminhamento dos estudantes, há práticas emergentes, como a recepção aos calouros, apoio aos coordenadores dos cursos, realização de *workshops* formativos, acompanhamento aos egressos e avaliação institucional. Desse modo, as ações do trabalho do psicólogo se concretizam em um modelo preventivo-institucional.

Embora há estudos que contextualizam o campo de atuação da psicologia escolar em diferentes locais, ainda assim há muitas dúvidas em relação às atribuições do profissional que atua nesta área. Com forte tendência à prática clínica, ainda hoje se percebe que os psicólogos que adentram espaços educacionais carecem de entendimento sobre o que realmente fazer. Logicamente, todo o processo histórico de construção da psicologia tem contribuído para arraigar esta visão de atuação. É o que trazem as autoras Pasini e Machado (2012), que expõem que a profissão de psicólogo no Brasil surgiu em 1962, delineada por três grandes áreas de atuação: a clínica, a escolar e a industrial. Entende-se que, naquele contexto, se esperava que a psicologia intervisse para uma maior adequação das pessoas no âmbito do ensino e do trabalho.

Seguindo esta lógica, Sampaio (2010) esclarece que há ainda muito a fazer para que se abandone “o restritivo e autoritário modelo medicalizado que impregna desde sempre nossa atuação”. (p. 103). A autora aborda que o público de hoje que está nos diferentes espaços educacionais e níveis de ensino, apresenta outras formas de relação com o saber, com a política e com a vida comunitária. Assim sendo, a autora propõe que questionemos aos universitários que tipos de atividades e suporte estes precisam para que haja sucesso em suas trajetórias acadêmicas e pessoais, estando preparados para as respostas que emergirem. Ressalta-se que talvez estas respostas possam nos causar algum incômodo ou até mesmo parecer sem sentido. Todavia, é necessário que se estabeleça essa atenção de saúde integral para aqueles que ingressam na faculdade, período de suas vidas de vivências intensas e importantes. (SAMPAIO, 2010).

Neste momento, consideramos pertinente apresentar uma interessante e instigante contribuição da autora Sampaio (2010), no que concerne o lugar que muitas vezes colocamos os estudantes universitários:

Dessa forma, sugiro pensarmos em modelos ecológicos de convivência em que os indivíduos vivam suas contradições em ambientes cooperativos e nos quais não estejamos preocupados meramente com o seu desempenho acadêmico ou em assisti-los quando problemas emocionais oriundos de

diferentes situações os atingem e, com frequência, dificultam um caminho que, para muitos, já é penoso sem essas intercorrências. Outras dimensões da vida acadêmica devem ser pensadas, não apenas relacionadas a desempenho e fluxo, atribuindo igual importância aos aspectos afetivos dessa experiência, da natureza da sociabilidade e da convivência com adultos – professores, gestores e funcionários – e com iguais. Os estudantes não podem ser vistos apenas como aprendizes. (p.103).

Portanto, como profissionais atuantes junto aos universitários que procuram os serviços do NAAC, com questões acadêmicas que causam sofrimento, o olhar integral aos estudantes é fundamental para nossa prática. Para além da escuta baseada no enfoque acadêmico, é preciso escutar o sujeito que está a nossa frente, compreender seus medos, suas dificuldades e seus objetivos. Se há uma patologia mais grave ou não, que exige encaminhamentos, é neste contato com o estudante que iremos perceber. Desse modo, o acompanhamento junto aos mesmos garante um suporte fundamental no percurso acadêmico.

Conforme Cunha e Carriho (2005), as dificuldades no contexto universitário se constituem de diversas naturezas, englobando tanto questões individuais da história do aluno, como também pelas novas exigências acadêmicas. O convívio com o novo ambiente atrelado a suas particularidades pode influenciar seu desempenho e o seu desenvolvimento.

Dias (2006) refere que os estudantes que procuram ajuda psicológica geralmente estão deprimidos ou ansiosos, com relação à autoconfiança, à autoestima e à preocupação com o futuro. O pedido de ajuda é frequentemente caracterizado por situações que envolvem relacionamentos amorosos, reprovações e exames, dificuldades na concentração e dúvidas sobre as suas capacidades e sobre o curso escolhido, problemas familiares em relação à expectativa, a falta de apoio ou o afastamento de casa.

As dificuldades encontradas no Ensino Superior podem ter suas raízes na Educação Básica, advindo tanto de questões individuais quanto da baixa qualidade da educação oferecida em muitas escolas brasileiras. Tais problemas também podem estar ligados às incertezas e cobranças acerca da formação e futura profissão. (RICHARTZ; GONÇALVES, 2016).

Fica claro, conforme Richartz e Gonçalves (2016), que as dificuldades de aprendizagem são diversas e devem ser observadas isoladamente. No entanto, também é possível contribuir preventivamente sobre os processos de aprendizagem, o qual só é possível quando se conhece e reconhece as necessidades daqueles que constituem a instituição.

Para Ferrari e Canci (2006), compreender os motivos de suas dificuldades é a base para conseguir ajudá-lo de forma adequada. As autoras trazem que, para diminuição do insucesso acadêmico, é de suma importância conhecer o aluno, conhecer ao menos um

pouco de sua história individual, investigar como se dá seu processo de aprendizagem, saber quais são suas influências e motivações, etc.

O acadêmico deve ser visto como alguém que traz consigo uma bagagem de experiências que não devem ser ignoradas em uma sala de aula do ensino superior, e, junto com ele, aspirações, desejos, sonhos que podem se tornar realidade ou escaparem de suas mãos se não conseguir se adaptar ou criar formas de superar os obstáculos. (FERRARI; CANCI, 2006, p. 27)

Panúncio-Pinto e Colares (2014) ressaltam que os serviços de apoio possuem importância indispensável na função de auxiliar a instituição, mais especificamente, os setores ligados ao ensino de graduação, proporcionando ao estudante a atenção necessária na trajetória acadêmica. Durante este período, os alunos podem recorrer a esses serviços, que possuem como característica apoiar seu desenvolvimento, oferecendo acolhimento em um espaço de reflexão referente às etapas da formação.

Para Panúncio-Pinto e Colares (2014), ao longo dos anos as universidades vêm buscando outras formas de organização em relação aos seus métodos, práticas, objetivos e currículos. Neste sentido, as instituições estão cada vez mais preocupadas em assumir o compromisso com a formação integral do estudante, isto envolve estar atento além do processo de ensino-aprendizagem. Desde o seu ingresso, o jovem universitário pode passar por períodos de vulnerabilidade (relacionado tanto a termos cognitivos quanto emocionais), tendo que buscar respostas adequadas a várias problemáticas do seu cotidiano. Com o passar dos anos várias Instituições de Ensino Superior (IES) foram implantando serviços de apoio ao acadêmico, tendo como objetivo conferir atenção de forma integral à trajetória acadêmica, ultrapassando exclusivamente a visão clínico-assistencial. Sendo assim,

Na perspectiva de uma educação integral, identifica-se a necessidade de pensar tais serviços para além do ponto de vista clínico-assistencial, considerando, também, a necessidade de estudar as demandas do estudante universitário, visando o desenvolvimento de programas que permitam uma abordagem preventiva e de promoção da saúde mental. Os objetivos desses serviços passam então a ser mais amplos à medida em que acrescentam ações voltadas ao ensino e a pesquisa de temas relacionados ao estudante e a sua formação acadêmica. (CIANFLONE; FIGUEIREDO; COLARES, 2002 *apud* PANÚNCIO-PINTO; COLARES, 2014, p. 277).

O Estágio Integrado em Psicologia iniciou no ano de 2009, sendo a Psicologia uma das áreas que compõe a equipe multiprofissional. Dentro do NAAC há o auxílio aos estudantes que estão em sofrimento, com algum tipo de problemática relacionado à vida acadêmica, questões pessoais são levadas em conta, mas o foco do atendimento está em acolher o aluno e o entender diante das problemáticas vividas no contexto universitário (reprovações excessivas, dificuldades no relacionamento com os professores e colegas,

dificuldades para se adaptar ao ambiente, etc). É preciso estar atento às possíveis formas de amenizar este sofrimento psíquico, além de ser cuidadoso em relação às dificuldades emocionais e orgânicas que este público possa apresentar diante dos processos de aprendizagem e rendimento acadêmico.

Assim sendo, conforme Hegenberg (2004), na maioria dos serviços universitários destinados à saúde mental dos estudantes, emprega-se a Psicoterapia Breve, devido ao tempo limitado dos alunos nos estágios de aprendizado. Santeiro (2008) pontua que as clínicas-escolas de psicologia ofertam atenção psicológica a uma parcela da população, sendo que essa demanda é atendida por universitários em formação. Conforme Peres, Santos e Coelho (2003), os serviços de psicologia nas universidades possibilitam o treinamento de alunos para a prática profissional, na medida em que une os conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula com a vivência prática destes. Tal atividade contribui para uma formação adequada, com posicionamento ético frente às novas realidades e demandas sociais, culturais e políticas da atualidade.(PERES; SANTOS; COELHO, 2003). Enéas, Faleiros e Sá (2000) abordam que a Psicoterapia Breve, cada vez mais usada em serviços destinados ao bem-estar mental de universitários, traz como uma das principais vantagens que o estudante em formação consiga acompanhar todo o processo de psicoterapia, seu início, meio e fim, pois sua duração equivalerá aos semestres letivos da instituição.

Segundo Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005) e Gonçalves (2012), a saúde mental do estudante universitário começou a ser discutida nos Estados Unidos e na Inglaterra, há mais de 60 anos. Consta que estes países foram os pioneiros na criação dos serviços de aconselhamento universitário, devido, principalmente, ao grande aumento da população acadêmica e a preocupação da saúde e bem-estar desse público. Naquela época, passou-se a reconhecer que o estudante que ingressa em uma universidade, vivencia um momento de fragilidade, e que frequentando essa instituição, torna-se responsabilidade da mesma o cuidado e a ajuda ao estudante.

Em 1957, no Brasil, foi criado o primeiro Serviço de Higiene Mental e Psicologia Clínica na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, junto à disciplina de Clínica Psiquiátrica. Esse serviço propiciava aos estudantes universitários, em um primeiro momento aos de Medicina, assistência psicológica e psiquiátrica para os mesmos. Na década de 60, foram várias as instituições que implantaram Serviços de Saúde Mental, entre elas a Escola Paulista de Medicina, em São Paulo, as universidades federais do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Rio de Janeiro. (CERCHIARI; CAETANO; FECCENDA, 2005).

Desse modo, Teixeira, Castro e Piccolo (2007) explicam que pelo número crescente de pessoas que ingressam no ensino superior, faz-se necessário conhecer a realidade vivida por estes, para que na própria universidade se possam identificar os fatores associados à evasão e tantos outros aspectos do desenvolvimento psicossocial dessa demanda. Tais conhecimentos permitem que se implantem programas que visem à atenção ao estudante em sua vida acadêmica e o cuidado ao seu bem-estar psicológico.

Ainda conforme os autores citados acima, muitas vezes o estudante que ingressa no ensino superior, acaba saindo de casa, deixando sua família e indo morar longe, sozinho ou com outras pessoas, em pensões, apartamentos. Pontuam que até mesmo aqueles que permanecem morando com os pais, também sofrem com mudanças, principalmente no que tange o enfraquecimento de laços de amizade com pessoas do tempo da escola.

Enfatiza-se que o ambiente universitário, muitas vezes, pode se constituir como um ambiente ansiogênico para os estudantes, devido às pressões diárias e cobranças impostas. O que torna esse espaço terreno fértil para o surgimento ou agravamento de sofrimentos psíquicos, que se não tratados, podem culminar em um transtorno mental. Segundo Padovani e colaboradores (2014), é alarmante a prevalência de sintomas ansiosos, depressivos e de estresse nos universitários. Os autores mencionam que a morbidade psicológica traz prejuízos para os estudantes no que tange sua saúde, desempenho, qualidade de vida, trazendo agravos em âmbito familiar, institucional e com pares. Assim, o sofrimento psicológico implica diretamente no processo de aprendizagem bem como na formação do universitário. (PADOVANI *et al.*, 2014).

A partir das contribuições dos autores acima citados, percebe-se que a Psicoterapia Breve se torna importante ferramenta de trabalho do psicólogo, em diferentes espaços. Contudo, assim como em outras modalidades de psicoterapia, esta está sujeita à implicação do psicoterapeuta, na medida em que este deve exercer um trabalho limitado no tempo, que traga bem-estar aqueles que procuram ajuda. Enfatizando que em contexto universitário, geralmente o processo psicoterapêutico transcorre em um ou dois semestres. Desse modo, é importante ressaltar a relevância da Psicoterapia Breve neste espaço, visto que muitos estudantes são acometidos por questões conflitivas diversas, muitas vezes desencadeadas ou potencializadas por fatores/estressores da vida acadêmica. Como consequência, os estudantes podem ter um baixo desempenho nos estudos, desmotivação, privação do sono, má alimentação, não compreender o conteúdo que está sendo trabalhado bem como a metodologia empregada pelo professor, desenvolver dúvidas em relação ao curso além de desenvolver quadros depressivos e/ou ansiosos, dentre outros. Assim, o psicólogo deve estar ciente de que as dificuldades apresentadas por universitários, em menor ou maior

grau, trazem sofrimentos aos mesmos, podendo estes reprovar em disciplinas ou até mesmo desistir do curso.

Diante do que foi explanado, evidencia-se a importância do NAAC como um espaço em que estudantes podem recorrer na busca de apoio psicológico. Deste modo, cabe contextualizar que no Núcleo, trabalha-se com a modalidade de Psicoterapia Breve. O autor Ferreira-Santos (1997) infere que a Psicoterapia Breve é um processo com um determinado tempo de duração e que apresenta objetivos definidos e precisos, centrados em um foco. O principal objetivo da Psicoterapia Breve no Núcleo, consiste na identificação e intervenção em questões acadêmicas evidenciadas pelos estudantes. É relevante esclarecer que a Psicoterapia Breve utilizada no NAAC é inerente à prática clínica, ou seja, esta constitui-se como uma modalidade clínica de atuação do psicólogo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo relatos da equipe, o fluxo de procura pelo serviço vem crescendo a cada semestre através de encaminhamentos e também de forma espontânea. Os estudantes trazem uma série de questões que, em alguns momentos, estão fortemente relacionadas a aspectos de suas vidas, em relação a sua história e à forma como vivenciam isso no ambiente acadêmico.

No que tange ao referencial teórico sobre a psicologia escolar no ensino superior, encontramos constantemente a dificuldade de caracterizar de forma mais clara o que qualifica e o que não qualifica o atendimento do aluno tendo em vista a noção de apoio acadêmico. Assim sendo, este trabalho pode contribuir para a visualização de forma mais prática dos elementos motivadores para o processo em psicoterapia breve, através da problematização da noção de apoio acadêmico e questões acadêmicas.

Ao fim desse processo de problematização da noção de apoio acadêmico, na articulação entre as práticas de estágio, especificamente os atendimentos de psicoterapia breve, e orientações acadêmicas, buscar-se-á construir um quadro teórico abrangente, com definições e reflexões que, direta ou indiretamente, abordem a noção aqui problematizada. Com esse quadro teórico, existe a possibilidade de construção de um fluxograma ou esquema que contribua com a identificação e escuta do que vem se chamando de “questões acadêmicas”.

REFERÊNCIAS

ANDALÓ, Carmem Silvia de Arruda. O papel do psicólogo escolar. *Psicologia, ciência e profissão*. 1984. p. 43-47. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931984000100009>. Acesso em: 10 abr. 2017.

ANDRADA, E. G. C. Focos de intervenção em psicologia escolar. *Psicologia Escolar e Educacional*. Campinas, v.9, n. 1, jun. 2005. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572005000100019>. Acesso em: 10 abr. 2017.

BAREMBLIT, Gregório. *Compêndio de análise institucional*. Rosa dos Tempos: Rio de Janeiro, 1994.

BISINOTO, C.; MARINHO-ARAUJO, C. Psicologia Escolar na Educação Superior: panorama da atuação no Brasil. *Arq. bras. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 67, n. 2, p. 33-46, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672015000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 abr. 2017.

CASSINS, Ana Maria *et al.* *Manual de psicologia escolar/educacional*. Curitiba: Gráfica e Editora Unificado, 2007. 45 p. Disponível em:<<http://www.portal.crppr.org.br/download/157.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2017.

CERCHIARI, E. A. N.; CAETANO, D.; FACCEANDA, O. Utilização do serviço de saúde mental em uma universidade pública. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 25, n. 2, p. 252-265, Jun. 2005. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932005000200008&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em 19 jun. 2017.

CUNHA, Simone Miguez. CARRILHO, Denise Madruga. O processo de adaptação ao ensino superior e o rendimento acadêmico. *Psicologia Escolar e Educacional*, v9 nº 2 215-224, 2005.

DIAS, Graça Figueiredo. Aconselhamento psicológico a jovens do Ensino Superior: Uma abordagem psicodinâmica e desenvolvimentista. *Aná. Psicológica*, Lisboa, v. 24, n. 1, p. 39-50, jan. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312006000100005>. Acesso em: 30 abr. 2017.

DOMINGUES, Renata de Marco. *et al.* O Núcleo de Apoio ao estudante da Universidade Federal de Santa Maria como espaço de inclusão no Ensino Superior. *Ponto de vista*, Florianópolis, n. 10, p. 65-78, 2008.

ENÉAS, M. L. E.; FALEIROS, J. C.; ANDRADE E SÁ, A. C. Uso de psicoterapias breves em clínica-escola: caracterização do procedimento em adultos. *Psicologia: Teoria e Prática*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 9-30, 2000. Disponível em:<<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1108>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

FERRARI, R. F.; CANCI, A. Investigação Psicopedagógica das Dificuldades de Aprendizagem no Ensino Superior. *Revista de Ciências Humanas* (Frederico Westphalen), v. 6, p. 13-28, 2006.

FERREIRA-SANTOS, Eduardo. *Psicoterapia breve: abordagem sistematizada de situações de crise*. 2. ed., rev. e ampl. São Paulo: Ágora, 1997. 121 p.

GONÇALVES, Adrielliet *al.*. Em Novos Rumos: A Psicologia Escolar no ensino superior. *Cadernos de graduação*, Ciências humanas e sociais, 2016, v. 3, n.2, p. 133-152. Disponível em:<<https://periodicos.set.edu.br/index.php/fitshumanas/article/view/2734>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

GONÇALVES, Isabel Cristina. A psicologia no ensino superior: intervenções clínicas e não clínicas. In: *Apoio Psicológico no Ensino Superior, II Congresso Nacional RESAPES – AP*, 2012.

GUIRADO, Marlene. Psicologia institucional: o exercício da psicologia como instituição. *Interação em Psicologia*, n. 13, vol. 2, p. 323-333, 2009.

GUIRADO, Marlene. *Psicologia institucional*. São Paulo: EPU, 1986.

HEGENBERG, Mauro. *Psicoterapia breve*. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. 191 p. (Coleção Clínica Psicanalítica: 25).

MARTINS, João Batista. Observação participante: uma abordagem metodológica para a psicologia escolar. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, 1996, v. 17, n. 3. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/9472>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

_____. A Atuação do Psicólogo Escolar: multirreferencialidade, implicação e escuta clínica. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.8, n.2, 2003. p.39-45. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141373722003000200005&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 01 abr. 2017.

MOURA, F. R.; FACCI, M. G. D. A atuação do psicólogo escolar no ensino superior: configurações, desafios e proposições sobre o fracasso escolar. *Psicol. Esc. Educ. [online]*, 2016, vol.20, n.3, pp.503-514. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572016000300503&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 08 abr. 2017.

NÚCLEO DE APOIO ACADÊMICO. Relatório anual. Santa Cruz do Sul: Núcleo de Apoio Acadêmico, 2016.

OLIVEIRA, C.B.E.; ARAÚJO, C. M. M. Psicologia Escolar: Cenários atuais. *Revista psi*, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000300007>. Acesso em: 08 abr. 2017.

PADOVANI, R. C. *et al.* Vulnerabilidade e bem-estar psicológicos do estudante universitário. *Rev. bras. ter. cogn.*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 02-10, jun. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872014000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 jul. 2017.

PANÚNCIO-PINTO, Maria Paula; COLARES, Maria de Fátima Aveiro. O estudante universitário: os desafios de uma educação integral. *Revista de medicina*, 2014, p. 273 – 281.

PASINI, V. L.; MACHADO, E. M. Clínica (s) em Psicologia. In: *Revista Entre Linhas*, ano XII, n.60, out-dez 2012.

PEREIRA, Valquíria Frúhauf. *Núcleo de Apoio Acadêmico (NAAC): Reconstrução de uma memória social*. 2016.

PERES, R. S.; SANTOS, M. A.; COELHO, H. M. B. Atendimento psicológico a estudantes universitários: considerações acerca de uma experiência em clínica-escola. *Estud. psicol. (Campinas)*, Campinas, v. 20, n. 3, p. 47-57, Dec. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2003000300004>. Acesso em: 15 jun. 2017.

RICHARTZ, T. GONÇALVES, J. E. Psicopedagogia institucional: sugestões de um roteiro de intervenção no ensino superior. *Rev. Psicopedagogia*, v.33, n.102, p. 385-395, 2016.

SAMPAIO, Sônia Maria Rocha. A psicologia na educação superior: ausências e percalços, *Em Aberto*, Brasília, v. 23, n. 83, p. 95-105, mar. 2010. Disponível em:<<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2249/2216>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

SAMPAIO, Sônia Maria Rocha. A psicologia na educação superior: ausências e percalços. In: ARAUJO, Claisy Maria Marinho (Org.). *Psicologia Escolar: pesquisa e intervenção*. Disponível em:<<http://portal.inep.gov.br/documents/186968/485895/Psicologia+Escolar+pesquisa+e+interven%C3%A7%C3%A3o/3f9bf8a9-619f-40e4-a275-d7b77d1bef96?version=1.3>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

SANT'ANA, I. M. Psicologia Escolar no Ensino Fundamental: intervenção junto a alunos de Projeto "Avançar para Vencer". *Revista de Extensão da Universidade de Taubaté (UNITAU)*, v. 2, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.unitau.br/ojs-2.2/index.php/extensao/article/view/1050>>. Acesso em: 08 abr. 2017.

SANTANA, A. C.; PEREIRA, A. B. M.; RODRIGUES, L. G. Psicologia Escolar e educação superior: possibilidades de atuação profissional. *Psicol. Esc. Educ.*, Maringá, v. 18, n. 2, p. 229-237, 2014. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572014000200229&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 abr. 2017.

SANTEIRO, Tales Vilela. Psicoterapia breve psicodinâmica preventiva: pesquisa exploratória de resultados e acompanhamento. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 13, n. 4, p. 761-770, Dec. 2008. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722008000400014&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 15 jun. 2017.

SANTOS, Anelise Schaurich dos *et al.* Atuação do Psicólogo Escolar e Educacional no ensino superior: reflexões sobre práticas. *Psicol. Esc. Educ. [online]*. 2015, vol.19, n.3, pp.515-524. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572015000300515>. Acesso em: 15 abr. 2017.

SANTOS, E.; BEZERRA, M. S.P.S.; TADEUCCI, M. A Importância Do Psicólogo No Contexto Escolar. *Encontro Latino Americano de Pós-graduação (X EPG), 2010, São José dos Campos. XIV Encontro Latino Americano de Iniciação Científica (XIV INIC), Encontro Latino Americano de Pós-graduação (X EPG), IV Encontro Latino Americano de Iniciação Científica Júnior (IV INIC Jr)*, 2010, v. X, pp. 1-6. Disponível em:<http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2010/anais/arquivos/0071_0081_01.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2017.

SERPA, M. N.F.; SANTOS, A. A. A. Atuação no ensino superior: um novo campo para o psicólogo escolar. *Psicol. Esc. Educ. (Impr.) [online]*. 2001, vol.5, n.1, pp.27-35. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572001000100004>. Acesso em: 15 abr. 2017.

SILVEIRA, Ricardo Wagner Machado; REZENDE, Diogo; MOURA, Willian Araújo. Pesquisa-intervenção em um CAPS ad – Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, v. 3, n. 2, 2010, p. 184-197. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v3n2/v3n2a08.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

TEIXEIRA, M. A. P.; CASTRO, G. D.; PICCOLO, L.R. Adaptação à universidade em estudantes universitários: um estudo correlacional. *Interação em Psicologia*, Curitiba, dez. 2007. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/7466>>. Acesso em: 15 jun. 2017.